

Líder da Renamo desde ontem de visita aos Estados Unidos ^{Sé} _{Jb.}

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, partiu ontem para uma visita aos Estados Unidos, durante a qual se reunirá em Nova Iorque com o secretário-geral da ONU, Boutros Ghali, e em Washington com responsáveis do Departamento de Estado.

O encontro com Boutros Ghali vai realizar-se a 3 de Junho na sede das Nações Unidas, rumando depois Dhlakama a Washington.

Não é claro ainda com que responsáveis norte-americanos se reunirá o líder da Renamo, mas Dhlakama, evasivo, admitiu que possa ser com o subsecretário de Estado americano para os Assuntos Africanos, George Moose.

A viagem foi preparada com especiais cuidados pela Renamo, que fez deslocar em Março a Washington o seu «número dois», Raul Domingos, que acompanha Dhlakama nesta visita.

O boletim «Medifax» escrevia a 25 de Maio, numa correspondência de Washington, que o «lobby» da Renamo na capital americana fez esforços para que Afonso Dhlakama fosse recebido por personalidades de nível mais elevado do que Moose.

Entre os alvos contavam-se o vice-presidente Al Gore e o secretário de Estado Warren Christopher.

«Quero que, quer as Nações Unidas, quer as autoridades norte-americanas compreendam o andamento do processo de paz no país», declarou Dhlakama antes de partir.

Dhlakama apresenta-se nos Estados Unidos como um cumpridor do acordo de paz e das resoluções das Nações Unidas.

O seu movimento, conforme sublinhou, vai cumprir as datas recomendadas pelo Conselho de Segurança para o termo do acanto-

namento e da desmobilização, 1 de Junho e 15 de Julho.

«Estamos empenhados em cumprir tudo o que foi acordado em Roma», disse Dhlakama.

O líder da Renamo minimizou as más relações entre o seu movimento e as autoridades norte-americanas, apesar de nenhum responsável diplomático daquele país em Maputo se tenha deslocado ontem à partida de Afonso Dhlakama.

«Tenho a máxima certeza de que a situação já é outra», disse Dhlakama referindo-se ao contencioso

com Washington.

No entanto acrescentou que os «norte-americanos jogaram muito mal em Moçambique, apoiando o regime comunista da Frelimo».

«Nunca fizeram pressão para que a Frelimo aceitasse negociações e isto fez com que a guerra durasse tanto tempo e houvesse mais mortos», indicou.

Ao contrário que sucedeu na era Reagan noutras latitudes, Washington não apoiou a luta da Renamo contra o regime marxista da Frelimo.

As violações dos Direitos Humanos por parte da Renamo foram duramente criticadas pelas autoridades norte-americanas, em particular depois de, em 1988, ter vindo a lume o relatório Gersony encomendado pelo Departamento de Estado

que responsabilizava os rebeldes por dezenas de milhares de mortos em Moçambique.

Apesar de alguma evolução nas posições americanas relativamente à Renamo, no último relatório anual sobre a situação dos Direitos Humanos no mundo do Departamento de Estado, eram feitas ainda duras acusações ao antigo movimento rebelde.

Na altura, Dhlakama reagiu publicamente acusando o relatório de ter sido encomendado pelo partido governamental moçambicano, Frelimo, e de visar afectar a sua deslocação aos Estados Unidos.

Muitas das informações contidas no relatório relativas à Renamo tinham como origem a Imprensa moçambicana.